

Pedro Reis (Desenho)

“Passeio no Parque”

A tarde começava a cair. Era uma daquelas tardes de Outono que trazem consigo um pouco do frio que não tardará a chegar.

Naquela tarde, como em tantas outras, atravessava o parque por ser o caminho mais rápido para chegar ao meu destino. Mas ... naquela tarde, ao contrário de tantas outras, parei para contemplar a beleza do entardecer, repleto de natureza e de vida.

Ao caminhar lentamente, pisava as folhas que estalavam, secas, num crepitar de sons que se misturavam com os pregões do vendedor de castanhas. As crianças que por ali passavam entoando as rimas aprendidas nesse dia, não resistiam ao apelo daquele cheiro que vinha das castanhas assadas. Que quentes! Que boas! E lá iam elas, cantarolando, com a pasta numa mão e um cartucho de jornal cheio de castanhas na outra.

As pessoas passavam apressadas pelo meu lento caminhar, mostrando que a azáfama do dia não acaba àquela hora.

Aqui e ali, começava a cair uma gota de chuva, e pouco a pouco outras mais vieram, podendo assim brindar todos os elementos da natureza. Quem passava, começava a abrir os guarda-chuvas. Eram azuis, vermelhos, amarelos ... de todas as cores que iam e vinham numa dança colorida que contracenava com o cair das folhas e o esvoaçar das aves.

Os pequenos roedores apareciam agora, correndo apressados para as suas tocas. E quando a chuva parou, vinham tímidos, beber nas poças de água que por ali se formaram.

Quando parei junto ao banco de pedra, e nele me sentei, reparei então no velho e majestoso plátano. Com a sua copa centenária abrigava generosamente a estátua do poeta que ali fora colocada. Um velho amigo, talvez. Nos dias quentes, protegia-o do calor tórrido do Sol com a sua bela folhagem. E,



quando essas folhas amarelecidas e secas, cansadas da sua tarefa caíam, cobriam-no como uma capa para o protegerem do frio.

Fiquei ali a imaginar que riqueza de histórias teria aquela árvore para contar. Quantas alegrias e tristezas já presenciou. Quantos encontros e desencontros já testemunhou. A quantos beijos e promessas já assistiu. Quantas tardes de Outono como aquela já viu chegar e partir.

A pouco e pouco, a luz ténue do entardecer fez esbater as cores à minha volta, revelando a magia daquela hora tão especial, que é a hora de todos os encantos, a hora dos poetas e dos apaixonados. É a hora em que a Lua marca encontro com o Sol para umas vezes vir e outras não. Os velhos, que terminavam agora as longas conversas da tarde para regressarem ao aconchego dos lares, davam lugar aos casais de namorados que chegavam trocando afectos, risos e emoções.

A vida no parque nunca parava. Nem o tempo, que sorrateiramente escapuliu sem que me desse conta.

Levantei-me e continuei o passeio pelo parque. Agora, mais depressa, rumo ao meu destino.

(Conceição Santana)

